
Do rei desejado ao touro encantado: sebastianismo, tradução e dialogismo¹

Camila Chaves FERREIRA²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Dom Sebastião, rei português desaparecido na Batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, segue sendo visto por moradores da comunidade da Ilha de Lençóis, litoral oeste do Maranhão, nem sempre como homem, porque às vezes como touro. Este artigo tem como área de interesse os estudos da semiótica da cultura e como ponto de partida o sebastianismo. Aqui, são apresentadas as primeiras articulações da minha pesquisa de doutorado que tem como objetivo compreender como se dá a tradução da narrativa mítica do sebastianismo pela pequena comunidade maranhense. Para isso, elejo como foco e recorte duas categorias centrais: a tradução, de Iuri Lotman, pensada do ponto de vista dos sistemas dos signos e da cultura, e o dialogismo, de Mikhail Bakhtin, entendido enquanto conceito que permite examinar a presença de outros discursos no interior do discurso.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica da cultura; sebastianismo; tradução; dialogismo.

INÍCIO

Coisa comum na nossa meninice maranhense, era ouvir histórias de Rei Sebastião sem saber ainda que se tratava de histórias de Rei Sebastião. Se era noite e faltava luz, e isso era recorrente, a gente-criança sentava na calçada para abrir os poros e os ouvidos à escuta daquela narrativa que, na nossa geografia, situava uma praia, areal coberto de pedras preciosas, de onde, porém, não se podia levar nada, porque era protegida por um touro furioso, além de encantado. Ao mesmo tempo que demarcava limite, aquela figura nos impregnava com a ambivalência de sentir, ao mesmo tempo, fascínio e horror.

Somente anos mais tarde, me dei conta que o touro encantado daquelas histórias era também o Rei Desejado, Dom Sebastião, que na narrativa mítica atravessa mares e séculos para se fazer ver na Ilha de Lençóis, litoral oeste do Maranhão. Em 2018, por curiosidades alheias ainda à intenção de uma pesquisa científica, decidi fazer uma viagem

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC), orientada pela professora Gabriela Reinaldo. Integra o Imago – Laboratório de Estudos de Estética e Imagem. E-mail: camila.chaves@yahoo.com.br.

à ilha. Agora, iniciados os estudos no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará, o que apresento neste artigo são as primeiras articulações teóricas que faço ao revisitar as memórias dessa experiência.

SEBASTIANISMO

Este artigo tem como área de interesse os estudos da semiótica da cultura e como ponto de partida o sebastianismo, aqui compreendido como narrativa mítica e ideológica propagada em Portugal e em outras partes do mundo, por meio do colonialismo. Para que possamos traçar pistas sobre como se dá sua tradução, recorreremos antes a Pedro Braga (2001) que explica o sebastianismo como narrativa mítica messiânica, resultante da convergência de correntes políticas e religiosas sustentadoras da ideia de predestinação divina de Portugal para colonizar outros países.

De acordo com o autor, com o desaparecimento de Dom Sebastião, na Batalha de Alcácer-Quibir, no norte da África, em 1578, Portugal passou a ficar sob o domínio da Espanha, de Felipe II e, em oposição, o sebastianismo enquanto movimento ganhou amplitude em duas vertentes: uma de caráter popular e outra de classes dominantes. Desse modo, em Portugal, em torno da narrativa mítica do sebastianismo estavam reunidas as elites nacionalistas portuguesas em busca de sua autonomia perdida, e as classes populares em luta contra seu esmagamento pelo novo reinado.

Essa coincidência entre os desejos da coroa portuguesa e dos populares, segundo Marcio Honório de Godoy (2009, p. 20), teria acontecido também quando do nascimento de Dom Sebastião, em 20 de janeiro de 1554, dia do santo que daria nome ao filho tão esperado. Esse acontecimento histórico teria movimentado a nação, antes temente de ficar sob o jugo do reino de Castela. “Todo esse movimento coletivo tomou conta do ambiente com a chegada do Desejado. Nome próprio e epíteto se encontravam, finalmente. Dom Sebastião era o Desejado; e se tornaria a expressão do desejo de todo o reino”, destaca.

O autor constrói uma cartografia do trajeto feito por Dom Sebastião, do seu nascimento – e atribuição do epíteto de o Desejado – ao seu desaparecimento em batalha – e consequente atribuição do epíteto de o Encoberto –, passando por sua formação com

vistas à produção de um monarca guerreiro e conquistador. Nessa perspectiva, “Os Lusíadas”, de Luiz Vaz de Camões, obra impressa em 1572, tem dedicatória consagrada a Dom Sebastião, que trilharia o obstinado caminho de impor o cristianismo aos mouros, considerados infiéis.

Camões dá expressão aos desejos lusitanos depositados em Dom Sebastião. Procura inculcar no espírito do jovem rei uma ‘realidade’ que deve lhe caber como um grande papel, o de novo conquistador. Além disso, busca consagrá-lo como futuro mediador do poder divino, para que a obra de Cristo na Terra seja iniciada. (GODOY, 2009, p. 21)

Também a obra épica de Fernando Pessoa, “Mensagem”, único livro de poemas, em língua portuguesa, que ele publicou em vida, se debruça sobre Dom Sebastião e o mito do Quinto Império, espaço mítico e espiritual, a realidade ideal, o Império da Perfeição que estaria encarnado na figura do rei. Para que se possa compreender o significado da obra que é considerada a grande épica portuguesa do século XX, segundo o poeta, de quem lê, seriam necessárias cinco qualidades: simpatia, intuição, inteligência, compreensão e a graça ou divina compreensão.

D. Sebastião

Sperai! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

(PESSOA, 2021, p. 85)

No contexto expansionista, a experiência brasileira ocupou papel importante para o sebastianismo das elites, tendo tido Padre Antônio Vieira como principal arauto e difusor de suas ideias. Aqui, em especial no Nordeste, essa narrativa influenciou movimentos, como o de Canudos, na Bahia; e as tragédias de Sítio da Pedra e de Pedra Bonita, em Pernambuco, que foram matéria para as produções literárias de José Lins do Rego, em “Pedra Bonita”, publicado em 1938, e de Ariano Suassuna, em “Romance d’a Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta”, publicado em 1971.

No Maranhão, mais especificamente, na Ilha de Lençóis, o sebastianismo foi traduzido em lenda do Touro Encantado. Nos relatos de mulheres, homens e crianças da comunidade, após desaparecer na batalha ao norte da África, Dom Sebastião reaparece em terras maranhenses, encantado na figura de um touro negro que caminha sob a luz da lua e sobre as dunas de areia. Forte e furioso, esse touro leva na testa uma estrela brilhante que, se acertada, põe fim à encantaria, libertando o rei, afundando a capital São Luís – também ilha – e fazendo emergir, das profundezas do mar, as riquezas do seu reino.

Rei, ê Rei

Rei, ê Rei
Rei Sebastião,
Rei, ê Rei
Rei Sebastião,

Quem desencantar Lençóis
Vai abaixo o Maranhão
Quem desencantar Lençóis
Vai abaixo o Maranhão³

A comunidade que sustenta a lenda do Touro Encantado tem cerca de 500 habitantes e ganhou notoriedade internacional, na década de 1970, após exibição de programa televisivo que apontava o local como tendo a maior concentração de pessoas albinas do planeta. Desde então, o espaço tem sido objeto de diversos estudos e pauta de relevante produção midiática. Notícias, reportagens, filmes, textos em jornais e revistas, de modo geral, apresentam relatos sobre o modo de vida simples de seus moradores e narrativas fantásticas sobre os mistérios que envolvem a ilha.

A recepção dessa narrativa por essa comunidade, porém, não se faz sem conflitos, uma vez que a própria constituição do mito pode ser compreendida como tentativa de solucionar uma contradição: um rei português desaparece numa batalha ao norte da África e ressurgiu, do outro lado do mar, quase ao norte da América do Sul. Compreendendo o sebastianismo como narrativa mítica, e na tentativa de entender de que modo se dá sua tradução por esta comunidade específica, proponho a tríade rei, ilhéu e touro, que neste artigo será pensada sob a ótica da tradução e do dialogismo.

³ Canto popular maranhense, apresentado na cena de abertura do curta “A Lenda do Rei Sebastião” (1979). Disponível em: <https://youtu.be/KI4QtGueIS8>. Acesso: 14 de agosto de 2023.

TRADUÇÃO

O Desejado é epíteto de Dom Sebastião, e uma vez que só se pode desejar aquilo que não se tem, a expressão que qualifica o nome evidencia sua falta. Na Ilha de Lençóis, os relatos das aparições do rei nem sempre estão relacionadas à figura de um homem. Sabemos que, naquela localidade, Dom Sebastião é traduzido como Touro Encantado. Se compreendemos o signo como tudo aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, podemos dizer que diante da falta de um corpo material, recorre-se a um signo que possa representá-lo, traduzi-lo.

Na pesquisa que desenvolvo, a tradução é pensada do ponto de vista dos sistemas dos signos e da cultura. Para Iuri Lotman (1996), ela é parte essencial do processo de comunicação e da busca para que, no curso da decodificação de uma mensagem, algo assumira status de realidade. Para o autor, tudo aquilo que é gerador de diferentes sentidos é considerado texto, e este, ao transitar de um contexto cultural a outro, não apenas transmite uma informação nele depositada de fora, mas atualiza aspectos anteriormente ocultos de seu sistema de codificação e, com isso, transforma mensagens e produz novas.

Sobre o conceito de texto, ao falar sobre a semiótica da cultura, o autor destaca que este foi objeto de uma transformação substancial. Se antes estava relacionado a uma natureza unitária, a um enunciado em uma linguagem qualquer, agora, sob a perspectiva de uma disciplina que “examina a interação de sistemas semióticos diversamente estruturados, a falta de uniformidade interna do espaço semiótico, a necessidade do poliglotismo cultural e semiótico” (LOTMAN, 1996, p. 52), para ser considerada texto, uma mensagem deve ser codificada, pelo menos, duas vezes.

O texto, nessa perspectiva, é marcado por sua multiestruturalidade. O autor menciona casos em que se unem textos de linguagens essencialmente diferentes, ou mesmo de diferentes mundos semióticos. Fala também sobre as relações entre texto e contexto cultural, que podem ser diversas, dada a complexidade e a heterogeneidade do fenômeno contexto. Se pensarmos o sebastianismo enquanto texto cultural, à luz do pensamento lotmaniano, consideramos então que ao transitar de um contexto para outro, estão dadas as possibilidades de atualização de aspectos antes ocultos.

Irene Machado (2007) ressalta a multivocalidade do texto como seu traço essencial e aponta que, talvez, em termos de enfoque, seja este o aspecto que mais diferencia a semiótica da cultura das outras disciplinas. A autora destaca as três funções do texto: comunicativa, relativa a uma ideia de homogeneidade; geradora de sentidos, relativa à ideia de heterogeneidade; e mnemônica, relativa à memória da cultura. Segundo conta, tais funções foram dimensionadas tendo em vista a transformação da informação em texto, mecanismo semiótico próprio da cultura.

O texto possui um mecanismo dinâmico na cultura. Ele mantém uma relação direta com a linguagem que o precede e também é um gerador de linguagens, pois o texto é um espaço semiótico em que há interação, onde as linguagens interferem-se e auto-organizam-se em processos de modelização. Nesse sentido, visto como espaço semiótico, o texto também conjuga vários sistemas e pressupõe um caráter codificado. Isso porque os sistemas de signos podem ser considerados sistemas codificados que se manifestam como linguagem, portanto, quando se define um objeto ou processo como texto é porque ele está codificado de alguma maneira. (MACHADO, 2007, p. 31)

Ao falar de Dom Sebastião, Godoy (2009) afirma que, como texto da cultura, o rei integra uma rede de transmissão e recepção que permite sua viagem pelo tempo-espaço. Na perspectiva de um “eterno” retorno do rei, personagem messiânica e encantada, o autor fala da existência de um movimento, da transformação de algo “que é recriado e retorna como o mesmo, mas diferente, já que é retirado em outra *performance*, partindo de um outro transmissor que já foi receptor da narrativa por ele transformada e recontada”, e acrescenta:

As modificações do texto a ser transmitido se darão com acréscimos do repertório do enunciado, com interesses específicos dele em transmitir e discutir suas reelaborações da narrativa, no pacto estabelecido entre ele e destinatários (receptores), na busca de compactuar e compartilhar o mesmo repertório, tentando causar interesse para que se efetive a comunicação. (GODOY, 2009, p. 29)

Se, como texto cultural e aos moldes portugueses, o sebastianismo nasce sob a ótica colonizadora e é fundado por matrizes judaicas e cristãs, ao ser traduzido pelos ilhéus, ele se manifesta de modo distinto: como política de libertação e como religião de base afro-brasileira. Na Ilha de Lençóis, além da Lenda do Touro Encantado, o sebastianismo manifesta-se também em relatos orais de sonhos e visões, por meio do Tambor de Mina – religião marcada pela história de resistência do povo negro e pelo sincretismo – e do Bumba-Meu-Boi, tradição popular manifestada no período junino.

Ao pensar tradução, também nos interessa o conceito de semiosfera, também filiado a Lotman. Tal como a biosfera compreende a esfera da vida no planeta, a semiosfera designa o espaço cultural habitado pelos signos e fora do qual os processos de comunicação não seriam possíveis. Nesse sentido, trata-se de um conceito que nomeia e define a dinâmica de encontros entre culturas distintas. E a cultura, por sua vez, do ponto de vista da semiosfera, é compreendida como organismo vivo, como processo, e não como produto. Nessa perspectiva, não se opõe à natureza, porque com ela está implicada.

Também para os estudos da tradução tem importância o conceito de fronteira desenvolvido pelo autor, para quem esta é espaço habitado por sujeitos que, na tentativa de pôr em contato duas realidades, elaboram signos. São, portanto, narradores ou construtores de discursos limítrofes. São tradutores. Se compreendemos a tradução sob a ótica da fronteira, passamos a entendê-la como conceito que se constrói no encontro entre identificações e diferenças, entre conflitos e negociações para produção de novos sentidos, conceito, portanto, que se funda no dialogismo.

DIALOGISMO

O dialogismo, partindo das contribuições de Mikhail Bakhtin (2010), pode ser compreendido enquanto conceito que permite examinar a presença de outros discursos no interior do discurso. Para o linguista russo, o caráter dialógico, bem como idelogicamente complexo do discurso, são constitutivos da essência da linguagem, que por sua vez é considerada como sendo inalteravelmente social. A arte dialógica, nessa perspectiva, pode ser compreendida, então, como aquela capaz de confrontar, de dar voz e presença ao que se encontra encoberto.

Para o autor, todo discurso é dialógico porque se constrói na relação com o outro, seja esse outro discurso, seja esse outro sujeito produtor de sentido, interlocutor no processo de interação verbal. Desse modo podemos apontar duas concepções de dialogismo presentes nos escritos de Bakhtin: uma que diz respeito ao diálogo entre interlocutores – exige presença e se concentra na diversidade de vozes, línguas e tipos discursivos – e outra que se refere ao diálogo entre discursos – compreende o texto como um tecido de muitas vozes –, tal como afirma:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2010, p.127)

Ao sustentar que o indispensável nos estudos da linguística está não nos textos, mas nas falas; não nos indivíduos, mas no social, Bakhtin (2010, p.113) afirmará que “na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo”, e conclui: “a enunciação é de natureza social”. Isso porque toda enunciação é uma resposta a algo e é construída como tal, logo, toda enunciação, ao ser produzida, pressupõe a existência do outro e com ele estabelece relação.

Além de dialógico, o signo, o sujeito e suas relações são também pensadas, em Bakhtin, a partir de uma concepção dialética, logo, uma concepção que pressupõe confronto, contradição e compreende tais elementos não como acabados, mas em processo. Nessa perspectiva, a alteridade, aqui entendida como condição, caráter ou mesmo qualidade de ser outro, segundo as definições de Marília Amorim (2001), está também em conformidade com essa natureza dialógica e dialética, uma vez que o que permite expressá-la é o descontínuo, o intervalo, a exotopia e a disseminação.

Baseando-se na análise feita pelo antropólogo Jean-Pierre Vernant, a autora, estudiosa das contribuições bakhtinianas, explica a alteridade como sendo uma relação de não proximidade, em que o outro é posto como enigma e o encontro com ele pode levar à transposição de limites, embriagar ou horrorizar. Vernant, para chegar a esse sentido, constrói uma analogia que, partindo das representações feitas pelas figuras mitológicas gregas de Ártemis, Dionísio e Górgona, nos possibilita pensar a alteridade em diferentes níveis, da mais próxima à radical.

Em Ártemis, deusa das fronteiras entre o longínquo e o próximo, estaria a possibilidade de negociação dos limites, assim, a constituição do mesmo a partir do outro, com o outro. Em Dionísio, deus do vinho e entre os deuses o único filho de um mortal, estaria o duplo caráter do que é ao mesmo tempo outro e familiar, a possibilidade de tornar-se outro diferente do que se costumeiramente é. E em Górgona, a deusa com

cabelos de serpente capaz de petrificar aqueles que cruzam seu olhar, estaria a representação do caos e do indizível diante daquilo que é radicalmente outro.

Entre identificações e conflitos, ao se deparar com a narrativa sobre Dom Sebastião, o ilhéu produz um outro e, diante dele, as possibilidades são múltiplas. Na aparição do rei pode estar a representação do horror diante daquilo que é absolutamente outro; pode estar também o fascínio, o duplo caráter do que é ao mesmo tempo dotado de estranheza e familiaridade; ou, pode ainda estar a capacidade de, como na perspectiva antropofágica, tomar o outro tornando-o parte do mesmo, colocando-o como condição para descrever a si próprio.

Na Ilha de Lençóis, as narrativas variam. Há quem tenha se comunicado com o rei em sonho; há quem tenha lhe visto em forma humana, vestido em terno e montado a cavalo; há quem não tenha lhe visto, mas ouvido o trote pesado de sua cavalaria, e que com todas as letras tenha afirmado: “eu senti”. Na viagem à ilha, contaram-me sobre um morador, vendedor de farinha, que teria negociado sua mercadoria com Rei Sebastião em pessoa, e que de olhos fechados foi conduzido até seu castelo luxuoso e orientado para que, no retorno, nada contasse aos outros. Como contou, enlouqueceu.

Assim como todo discurso é dialógico porque se constrói na relação com o outro, seja esse outro discurso, seja esse outro sujeito produtor de sentido, também todo processo de tradução é dialógico. Neste artigo, a arte dialógica foi apresentada como aquela capaz de confrontar, de dar voz e presença ao que se encontra encoberto e, o Encoberto, como vimos, é epíteto de Dom Sebastião. Afirmo, portanto, que para descobrir o rei, o ilhéu o traduz. Investigar como se dá esse processo e que outras vozes ele revela segue sendo tarefa desta pesquisa que aqui apresento por meio destas primeiras articulações.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.** – São Paulo: Musa Editora, 2001.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** – 14.ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.

BRAGA, Pedro. **O Touro Encantando da Ilha de Lençóis**: o sebastianismo no Maranhão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GODOY, Marcio Honorio de. **O Desejado e o Encoberto: potências de movimento de um mito andarilho**. Revista USP, São Paulo, n.82, p. 16-31, junho/agosto 2009.

MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e Semiosfera**. / Organizado por Irene Machado. – São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Ediciones Cátedra, S. A., 1996.

PESSOA, Fernando, 1888-1935. **Mensagem**: obra poética I: organização, apresentação e notas Jane Tutikian. – Porto Alegre: L&PM, 2021.